

María Concepción

María Concepción avançava com cautela, mantendo-se no meio da rua branca e empoeirada, onde os agaves espinhosos e as traiçoeiras colunas curvadas de cactos de órgão não se tinham acumulado com tanta profusão. Agradar-lhe-ia repousar por um momento na sombra escura junto à berma da estrada, mas não podia perder tempo a arrancar espinhos dos pés. Juan e o chefe estariam à espera da comida nas valas húmidas da cidade enterrada.

Levava umas doze galinhas vivas penduradas sobre o ombro direito, com as patas amarradas umas às outras. Metade ia-lhe recaindo no meio das costas; o resto baloiçava desajeitadamente sobre o seu peito. Agitavam as coxas entorpecidas e inchadas contra o pescoço dela, reviravam os olhos estupefactos e espreitavam-lhe o rosto, curiosas. Ela não as via nem pensava nelas. Tinha o braço esquerdo cansado pelo peso da canastra de comida e estava com fome, depois de uma longa manhã de trabalho.

As suas costas direitas distinguiam-se bem por baixo do *rebozo* limpo, de algodão azul garrido. Uma serenidade instintiva suavizava-lhe os amendoados olhos negros, afastados e de cantos ligeiramente inclinados. Caminhava com o à-vontade livre, natural e reservado da mulher primitiva com um filho no ventre. A forma do seu corpo era agradável, a vida crescente não se afigurava como uma distorção, mas com as proporções certas e inevitáveis de uma mulher. Sentia-se completamente satisfeita. O marido estava a trabalhar e ela ia a caminho do mercado para vender as suas galinhas.

A sua pequena casa ficava a meio da encosta de uma colina pouco alta, sob uma moita de lentiscos, com uma sebe de cactos de órgão a delimitá-la do lado mais próximo da estrada. Agora descia para o vale, dividido pelo regato estreito, e atravessava uma ponte de pedras soltas

perto da cabana onde María Rosa, a abelheira, vivia com a velha madrinha, Lupe, a mulher dos remédios. María Concepción não depositava fé alguma nos ossos calcinados de coruja, no pêlo tisanado de coelho, nas entranhas de gato, nas mistelas e unguentos que Lupe vendia aos enfermos da aldeia. Era uma boa cristã, e para as dores de cabeça e de estômago bastava-lhe beber tisanas de ervas, ou então adquiria os seus medicamentos em frascos, com instruções impressas que não sabia ler, na farmácia perto do mercado, onde ia quase todos os dias. Mas era frequente comprar um boião de mel à jovem María Rosa, uma pequena bonita e tímida, com quinze anos apenas.

María Concepción e o marido, Juan Villegas, passavam um pouco dos dezoito. Ela gozava de uma boa reputação entre os vizinhos, que a consideravam uma mulher enérgica e religiosa, capaz de levar um negócio a bom porto. Era do conhecimento geral que, se quisesse comprar um *rebozo* para si ou uma camisa para Juan, levaria para o efeito uma bolsa de moedas de prata maciça.

Cerca de um ano antes, pagara pela licença, a poderosa folha de papel timbrado que autoriza as pessoas a casarem na igreja. Dera dinheiro ao padre antes de avançar para o altar ao lado de Juan, na segunda-feira a seguir à Semana Santa. Que aventura fora para os aldeões, em três domingos consecutivos, irem ouvir os banhos apregoados pelo padre, anunciando que Juan de Dios Villegas e María Concepción Manríquez pretendiam casar-se mesmo na igreja, em vez de nas traseiras, a prática habitual, menos dispendiosa, e tão válida como qualquer outra cerimónia. Porém, María Concepción sempre fora tão orgulhosa como se possuísse uma *hacienda*.

Deteve-se na ponte e chapinhou os pés na água, com os olhos a descansarem dos raios do Sol fixando as montanhas distantes, de um azul profundo sob a cumeeira suspensa de nuvens. Ocorreu-lhe que lhe saberia bem um favo de mel acabado de tirar do cortiço. O aroma delicioso das abelhas, com o seu zumbido lento, despertara-lhe o desejo agradável de um pouco de doçura na boca.

“Se não o comer agora, o meu bebé nascerá marcado”, pensou, enquanto espreitava por entre as nesgas da sebe espessa de cactos que se erguiam, desfolhados, como lâminas expostas a protegerem a pequena clareira. O local estava tão silencioso que ela nem sabia se Rosa e Lupe estariam em casa.

O *jacal* inclinado, feito de juncos secos e barbas de milho presos a árvores jovens cravadas na terra, coberto de folhas amarelecidas de agave, achatadas e sobrepostas como telhas, corcovava-se, modorrento

e fragrante, sobre o calor do meio-dia. As colmeias, feitas de forma similar, espalhavam-se pelo terreno em direcção às traseiras da clareira, como montículos de refugio vegetal limpo. Por cima de cada montículo, pairava uma nuvem dourada e poeirenta de abelhas.

Uma gargalhada alegre e gritada proveio de trás da cabana; o riso breve de um homem acompanhou-a. “Ah, hahahaha!”, uniam-se as vozes, uma aguda e outra grave, como uma canção.

“Então María Rosa tem um homem!” María Concepción estacou, a sorrir, alterou um pouco a posição da carga e inclinou-se para a frente, protegendo os olhos para ver melhor pelas frestas da sebe.

María Rosa, a correr e a esquivar-se por entre as colmeias, apartou dois pequenos arbustos de jasmim para passar, subindo os joelhos em saltos ágeis, com o riso a vibrar de excitação enquanto olhava para trás. Um boião pesado, que levava preso ao pulso pela pega, ia-lhe batendo nas coxas à medida que ela fugia. Os seus dedos dos pés atiravam súbitos jactos de terra para o ar e as tranças iam-se desmanchando e caindo sobre os ombros em fios compridos e frisados.

Juan Villegas corria atrás dela, também a rir-se de maneira estranha, com os dentes à mostra, tanto os de cima como os de baixo a brilharem por entre a barba preta e macia que lhe crescia rala à volta dos lábios e sobre o queixo, deixando-lhe as faces morenas suaves como as de uma rapariga. Quando a apanhou, agarrou-lhe o camiseiro com tanta força que a costura do ombro cedeu. Isso fê-la parar de rir; empurrou-o, calada, a tentar puxar a manga rasgada com uma mão. O queixo pontiagudo e a boca vermelho-escuro mexiam-se de forma indecisa, como se ela tivesse vontade de voltar a rir; as suas longas pestanas pretas estremeciam com os reflexos rápidos dos olhos encobertos.

María Concepción não se mexeu nem respirou durante alguns segundos. Tinha a testa fria e, no entanto, parecia que lhe despejavam lentamente água a ferver pela coluna. Sentia uma dor inexplicável nos joelhos, como se estivessem partidos. Receava que Juan e María Rosa dessem pelos seus olhos fixos e a encontrassem ali, incapaz de se mover, a espíá-los. Mas eles não atravessaram a cerca, nem sequer lançaram um olhar de relance em direcção ao espaço no muro que dava para a estrada.

Juan levantou uma das tranças lassas de María Rosa e deu-lhe com ela no pescoço, à guisa de brincadeira. Ela esboçou um sorriso suave, de consentimento. Juntos, recuaram por entre os cortiços das abelhas. María Rosa equilibrava o boião numa anca e, a cada passo, oscilava as anáguas compridas e volumosas. Juan agitava o chapéu

largo para trás e para a frente, caminhando tão orgulhosamente como um galo de luta.

María Concepción irrompeu da nuvem carregada que lhe envolvia a cabeça e tolhia a garganta, e deu por si a seguir caminho, mantendo-se na estrada de forma inconsciente, com passos delicados e os ouvidos a zumbir como se todas as abelhas de María Rosa se tivessem enxameado neles. O aturado sentido do dever levava-a a avançar em direcção à cidade soterrada onde o chefe de Juan, o arqueólogo norte-americano, fazia a sua pausa a meio do dia e esperava pela comida.

Juan e María Rosa! Já toda ela ardia, como se uma camada de espinhos minúsculos de figueiras-da-índia, cruéis como fibra de vidro, se tivessem incutido sob a sua pele. A sua vontade era sentar-se tranquilamente e esperar pela morte, mas não antes de ter cortado a garganta ao seu homem e àquela rapariga, que estavam a rir e a beijar-se debaixo dos caules de milho. Certa vez, quando era pequena, voltara do mercado e deparara-se com o *jacal* ardido, reduzido a cinzas, e as poucas moedas de prata desaparecidas. Uma sensação negra de vazio apoderara-se então de si; não parava de andar por ali, sem acreditar nos próprios olhos, à espera de ver tudo aquilo a recuperar a forma à sua frente. Mas a casa desaparecera e, embora ela tivesse a certeza de que havia sido obra de um inimigo, não era capaz de descobrir quem o teria feito, pelo que só lhe restava amaldiçoar e ameaçar o ar. Agora ali estava algo pior, mas conhecia o inimigo. María Rosa, essa rapariga pecaminosa, sem-vergonha! Ouviu-se a si mesma dizer uma palavra rude e franca acerca de María Rosa, proferindo-a em voz alta, como se esperasse que alguém concordasse consigo: “Sim, é uma rameira! Não merece viver.”

Nesse momento, a cabeça desgrenhada e grisalha de Givens surgiu por cima dos limites da nova vala que ele tinha mandado abrir naquele seu campo de escavações. As fendas longas e profundas, nas quais um homem podia estar de pé sem ser visto, ziguezagueavam como golpes ordeiros de um escalpelo gigante. Quase todos os homens da comunidade trabalhavam para Givens, ajudando-o a descobrir a cidade perdida dos antepassados. Tinham trabalho durante o ano inteiro e prosperavam, escavando todos os dias em busca daquelas pequenas cabeças de barro, pedaços de cerâmica e fragmentos de muros pintados para os quais não havia utilidade alguma neste mundo, tudo partido e com uma crosta de argila. Eles mesmos eram capazes de fazer melhores, perfeitamente sólidos e novos, que levavam para a vila e impingiam a estrangeiros, em troca de bom dinheiro. Mas o

encanto transcendente do chefe ao encontrar aquelas coisas corroídas era um mistério sem fim. Por vezes chegava a soltar urros de alegria, abanando uma panela rachada ou um crânio humano por cima da cabeça, a gritar ao fotógrafo que se aproximasse e tirasse uma fotografia daquilo!

Emergia agora, e os olhos de jovem entusiasta davam as boas-vindas a María Concepción, naquele rosto de velho cheio de rugas profundas e tão tisonado que era da cor da terra vermelha. “Espero que me tenhas trazido uma bem gorda.” Selecionou uma galinha da braçada que pendia mais perto de si quando María Concepción, sem dizer palavra, se debruçou sobre a vala. “Sê uma boa rapariga e arranja-ma. Vou assá-la.”

María Concepción agarrou na galinha pela cabeça e, silenciosa e agilmente, passou-lhe a faca pelo pescoço, torcendo-lhe a cabeça com a firmeza simples que poderia usar para arrancar a rama de uma beterraba.

“Santo Deus, mulher, tens mesmo coragem”, disse Givens, a observá-la. “Eu não sou capaz de fazer isso. Faz-me impressão.”

“A minha terra natal é Guadalajara”, explicou María Concepción, sem alarde, enquanto depenava e destripava a galinha.

Levantou-se e fitou Givens com condescendência, aquele branco engraçado que não tinha uma mulher que cozinhasse para ele e que, para mais, parecia não ver qualquer perda de dignidade em preparar a sua própria comida. Agora estava de cócoras, com os olhos semicerrados e o nariz franzido para evitar o fumo, atarefando-se a girar a galinha a assar num espeto. Um homem misterioso, sem dúvida rico, e chefe de Juan, devendo por conseguinte ser respeitado, ser comprazido.

“As *tortillas* são frescas e estão quentes, *señor*”, murmurou ela com delicadeza. “Com a sua permissão, irei agora ao mercado.”

“Sim, sim, vai andando; traz-me outra destas amanhã.” Givens virou a cabeça para tornar a olhar para ela. Por vezes, os modos grandiosos de María Concepción traziam-lhe à memória realza exilada. Reparou na palidez que nela era invulgar. “O sol está demasiado quente, há?”, perguntou-lhe.

“Sim, senhor. Desculpe, mas Juan virá para aqui em breve?”

“Já cá deveria estar. Deixa a comida dele. Os outros não-de aproveitá-la.”

Ela afastou-se; o azul do seu *rebozo* tornou-se um ponto dançante nas ondas de calor que se erguiam do solo cinzento-avermelhado. Givens